

SUMÁRIO

1 - NOSSO OBJETIVO	2
2 - O QUE É PROTESTANTISMO	2
2.1. O QUE É PROTESTANTISMO BRASILEIRO	2
2.2. O QUE É SER PROTESTANTE	3
3 - O CONTEXTO POLÍTICO-RELIGIOSO (1500-1822)	4
4 - PRESENÇA PROTESTANTE NO BRASIL COLONIAL	5
4.1. OS FRANCESES NA GUANABARA (1555-1567).....	5
4.2. OS HOLANDESES NO NORDESTE (1630-1654).....	6
5 - IGREJA E ESTADO NO BRASIL IMPÉRIO (1822-1889)	6
6 - PROTESTANTISMO DE IMIGRAÇÃO	7
7 - PROTESTANTISMO MISSIONÁRIO (1835-1889)	8
8 - IGREJA E ESTADO: PERÍODO REPUBLICANO	10
9 - CATÓLICOS E PROTESTANTES	11
10 - PROTESTANTES PROGRESSISTAS E CONSERVADORES	11
11 - DENOMINAÇÕES HISTÓRICAS (1889-1964)	11
11.1. IGREJA CONGREGACIONAL	12
11.2. IGREJA PRESBITERIANA	12
11.3. IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE	12
11.4. IGREJA METODISTA.....	13
11.5. IGREJA BATISTA	13
11.6. IGREJA LUTERANA	13
11.7. IGREJA EPISCOPAL.....	14
12 - DENOMINAÇÕES HISTÓRICAS (APÓS 1964)	14
12.1. IGREJA PRESBITERIANA	14
12.2. IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE	14
12.3. IGREJA BATISTA	15
12.4. IGREJA METODISTA.....	15
12.5. IGREJA LUTERANA	15
13 - IGREJAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS	15
13.1. CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	16
13.2. ASSEMBLÉIA DE DEUS.....	16
13.3. IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR.....	16
13.4. IGREJA EVANGÉLICA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO	16
13.5. IGREJA DEUS É AMOR.....	16
13.6. IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS	17
14 - PERÍODO DE REPRESSÃO E ISOLACIONISMO DAS IGREJAS: 1962 A 1983	17
15 - CONCLUSÃO	20

1 - NOSSO OBJETIVO

O objetivo deste texto é apresentar uma visão panorâmica da história do protestantismo no Brasil. Inicia com as primeiras manifestações protestantes no período colonial, prossegue com a implantação definitiva do movimento durante o império (nas duas modalidades históricas: protestantismo de imigração e de missão) e chega ao Brasil republicano, com o surgimento do protestantismo de matriz brasileira.

2 - O QUE É PROTESTANTISMO

O protestantismo é um dos três principais ramos do cristianismo ao lado do catolicismo romano e das igrejas orientais ou ortodoxas. Essa categorização, muito ampla e abrangente, é a adotada por J. L. Dunstan (1980, p. 7). Justamente por sua amplitude, a categorização desse autor deixa logo em aberto um problema: onde colocar o anglicanismo, hoje estendido por todo o mundo como uma comunidade que extrapola o Reino Unido? A Igreja da Inglaterra resulta, sem dúvida, da Reforma Religiosa, mas, como se diz com frequência, ficou a meio caminho entre Roma e as igrejas protestantes, tanto luteranas como calvinistas. De fato, a ala propriamente dita anglicana recusa o título de protestante. Desse modo, seria melhor estabelecer quatro categorias de igrejas cristãs mundiais: romana, ortodoxas ou orientais, anglicana e protestantes. Embora a ala chamada Evangélica da Igreja Anglicana seja significativa por se aproximar bastante dos protestantes em geral, creio não se justificar uma outra categoria, vez que o anglicanismo, apesar disso, mantém sua unidade.

Interessa-nos agora a Reforma propriamente dita. Em outro lugar (Mendonça & Velasques Filho, 2002, cap. 1) propus a divisão da Reforma em três ramos: anglicano, luterano e calvinista, ou reformado propriamente dito. Feita aquela ressalva quanto ao anglicanismo, os protestantes propriamente ditos são os luteranos e calvinistas que se espalham pelo mundo em numerosa diversificação, particularmente estes últimos. Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. Estas últimas, as batistas, também resistem ao conceito de protestantes por razões de ordem histórica, embora mantenham os princípios da Reforma. Creio não ser, por isso, necessário criar para elas uma categoria à parte. São integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico, tanto sob o ponto de vista teológico como eclesiológico.

Esses cinco ramos ou famílias da Reforma multiplicam-se em numerosos sub-ramos, recebendo os mais diferentes nomes, mas que, ao guardar os princípios fundantes, podem ser incluídos no universo do protestantismo propriamente dito.

2.1. O Que é Protestantismo Brasileiro

Talvez a pergunta mais adequada seja esta: podemos falar em protestantismo brasileiro? Ou seria melhor falar em "protestantismo no Brasil" precisamente quando a referência recai sobre as igrejas acima mencionadas? Embora seja certo que as religiões universais, como são as protestantes, sempre assimilam ou mantêm traços das culturas locais, como me é permitido falar em catolicismo brasileiro, por exemplo, o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura brasileira. Continua sendo um protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e dependência teológica. Por isso, prefiro falar em "protestantismo no Brasil" e não em protestantismo brasileiro. O mesmo vale para o que talvez fosse exceção, isto é, o luteranismo. Apesar de proceder de vertentes geográficas e culturais diferentes, ambos os luteranismos brasileiros vinculam-se ao centro mesmo da Reforma Luterana, isto é, a Europa alemã. Por essas razões, quando se fala em protestantismo brasileiro, creio que se deve entender por protestantismo no Brasil.

2.2. O Que é Ser Protestante

O grande e maior princípio da Reforma é o da liberdade e está explícito no talvez menor dos livros de Martim Lutero e mesmo de toda a literatura reformada. Diz Lutero que o cristão é “senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém”, mas completa: “um cristão é um servo prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos”. Essa aparente contradição se resolve assim: o cristão é livre para fazer e não fazer ou, ainda, o cristão não está debaixo de nenhuma mediação e se refere diretamente a Deus pela fé, instrumento de sua salvação. A salvação é individual e sua vida religiosa é pautada exclusivamente pela Bíblia cuja leitura é direta e também não mediada. Como pontifica Dunstan, o homem é o centro de sua religião.

Em suma, o protestante é o homem que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a Bíblia “como única regra de fé e prática”, cultiva uma ética racional de desempenho para contribuir para a glória de Deus e vive moralmente segundo os “10 mandamentos” e os padrões da moral burguesa vitoriana. A conversão, que no período do Grande Despertamento era mais propriamente uma “reconsagração” à vida devota, reajustava o indivíduo ao modelo burguês vitoriano acompanhado da ética do trabalho apropriada à ideologia do progresso. A preguiça, a ociosidade e a falta de objetividade na vida, assim como desregramentos sexuais e desorganização familiar, eram pecados graves para os vitorianos. O protestantismo, principalmente o calvinismo posterior, privilegiou as relações sociais e econômico-políticas no sentido horizontal, buscando pôr de lado todo tipo de dependência piramidal ou vertical. Em suma, uma desconfiança permanente de monarquias absolutas em favor de repúblicas democráticas. Isso ganhou muita força após a independência das colônias norte-americanas e da expansão protestante durante o século XIX.

Não é necessário que nos alonguemos na discussão a respeito da chamada ideologia norte-americana protestante da inter-relação íntima entre evangelizar e civilizar. Outros autores já trataram dessa questão. Contudo, é oportuno lembrar que essa ideologia não é exclusiva do protestantismo porque o mesmo papel que os Estados Unidos se propunham, e ainda se propõem, de expandir o seu próprio modelo civilizatório, isto é, o reino de Deus terreno, já empolgava, na oratória de Antonio Vieira, o velho Portugal seicentista. Não obstante, há que se estabelecer as diferenças entre os dois modelos: o reino de Deus por Portugal era um reino caracterizado pelo modelo de cristandade, vertical e monárquico, ao passo que o norte-americano era, e é, democrático republicano, horizontal e contratual.

Em suma, o protestante é um indivíduo que professa uma religião individual, de consciência, que se inspira na interpretação direta e pessoal da Bíblia, pauta suas ações na ética racional do trabalho e na moral burguesa vitoriana. Sua racionalidade procura manter a distância a interferência do extraordinário no cotidiano, assim como sua individualidade o situa nos limites mínimos do poder sacerdotal ou eclesiástico. É uma religião quase secularizada e se aproxima, mesmo quando institucionalizada, de uma religião civil. As igrejas são comunidades de fé e aprendizado religioso mútuo. A disciplina, que se prende mais a questões de ética, principalmente de moral, tende a se tornar elástica na medida em que, no gradiente seita-igreja, a comunidade se aproxima mais desta.

Este é o modelo, por que não dizer tipo ideal, do protestante histórico ou tradicional, ao qual se aplica bem, como já foi dito, o conceito de evangélico, mas que implica dificuldades quando generalizado para todos os cristãos não-católicos.

Este artigo trata exclusivamente do grupo de protestantes ou evangélicos que abrange aquelas igrejas já mencionadas, tanto as do chamado protestantismo de missão ou conversão, quanto as do protestantismo de imigração. Propomo-nos a analisar, dentro dos limites impostos, as idas e vindas desse tipo de protestantismo no Brasil em suas relações históricas e dialeticamente relacionais com o universo político brasileiro e internacional durante os cerca de 180 anos de sua presença no país. Tomaremos como ponto de intersecção histórica a chamada Conferência do Nordeste, realizada no Recife (PE), em 1962, último momento de convergência identitária desse protestantismo antes do seu isolacionismo denominacional. Não serão levadas em conta as questões e crises internas